



Zê Luiz do Candeeiro



Poemas em Rede

Antologia de Minhas
Décimas Imperfeitas



POEMAS EM REDE

**ANTOLOGIA DE
MINHAS DÉCIMAS
IMPERFEITAS**



Para adquirir o livro impresso acesse:

<https://www.zeluzdocandeeiro.com.br/>

Zé Luiz do Candeeiro

POEMAS EM REDE
ANTOLOGIA DE
MINHAS DÉCIMAS
IMPERFEITAS



cisne
EDIÇÕES

Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos do autor.

Capa

Lucas de França Nário

Diagramação

Déborah Letícia Ferreira de Sousa

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

C23p Candeeiro, Zé Luiz do.

Poemas em rede: antologia de minhas décimas imperfeitas / Zé Luiz do Candeeiro. - São Paulo: Mentis Abertas, 2021.

200 p.: il. (Cisne edições)

ISBN 978-65-993837-0-0

1. Literatura brasileira. 2. Poemas. 3. Poesia. I. Título.

21. ed. CDD 869.91

Elaborada por Giulianne Monteiro Pereira

CRB 15/714

SUMÁRIO

Apresentação, 09

O nascimento do poeta: pagando dívidas, 21

A poesia e o poeta do Candeeiro, 27

Ensaio sobre o amor e a espera, 45

Versos diversos, dispersos, 137



Para Dejinha de Monteiro (in memoriam)

"um homem de Deus que foi emprestado ao povo. "

APRESENTAÇÃO

Zé Luiz do Candeeiro é um artista múltiplo, que consegue com muito talento Cantar, tocar violão, compor música e escrever poesia, além de fazer da sala de aula e do magistério extra-classe pura arte. Poeta híbrido, transita com habilidade louvável por vários estilos e gêneros tais como sonetos, hai-kais, versos livres e letras de canções. Esta hibridez entre música e poesia, tão presente em sua trajetória nos palcos dos projetos musicais que criou: o Candeeiro encantado e o Três de Nós, acabou desaguando de vez na poética-musical dos cantadores de viola, influência da cidade que o adotou, Monteiro, que possui mais de 20 cantadores repentistas, e das atividades no núcleo de arte e cultura da UEPB-Universidade Estadual da Paraíba - Campus Pinto do Monteiro, que leva o nome do Rei dos cantadores de improviso.



Dai foi um passo para Zé Luiz dedicar-se a escrever Décimas, estrofes de dez versos, típica dos violeiros do repente, até para atender as contingências das redes sociais, onde os textos de curta extensão, atraem mais atenção e também para ser recitados nos shows por onde passa. Com a colaboração de sua esposa que catalogou o vasto acervo de décimas, sob os mais diversos temas, que passaram a fazer bastante sucesso nas mídias virtuais e também nos palcos.

Assim, surgiu “Poemas em rede - antologia de minhas décimas imperfeitas”, o primeiro livro do poeta Zé Luiz do Candeeiro, que traz uma compilação destas publicações cibernéticas, estruturadas em três partes. Na obra como um todo vamos nos deliciar com a força imagética de sua potência poética criativa, elaborando metáforas sugestivas, delicadas e de beleza impressionante. Imagens ricas em leveza e abundantes em doçu-

-ra verbal, como em “fita amarela”: “... Ela deixa cheiro de flor, no que toca com o olhar...” ou “...o rio secando no peito e a ponte de amor ruía...” (“A Ponte e o rio “). A sua humildade de ser zen, que Zé Luiz expressa como ninguém, no modo de ser, e aí está o grande mérito do poeta, ser coerente com o que escreve, está clara na adjetivação que ele faz de suas décimas. Talvez por não ser um repentista ele cunha a palavra “imperfeitas”, porque humilde como é, sabe das dificuldades de se escrever na métrica dos violeiros, que aqui acolá também cometem suas imperfeições delicadas, que muitas vezes passam em branco, aos olhos do grande público, mas são observadas pelos ouvintes mais apurados nos ouvidos.

No seu intento de escrever décimas, Zé saiu-se maior do que entrou, porque na sua humildade, colocou em prática a lição de Paulo Freire, que ele louva numa das décimas deste Livro, de

que aprendemos uns com os outros no processo de aprendizagem, sobretudo na nossa prática de vida, da qual Zé Luiz emerge aqui, Maiúsculo, com seu espírito de Cantador revigorado e reinventado, exibindo versos de inegável qualidade literária, com conteúdos magistralmente desenvolvidos, com coerência na oração, encaixados linearmente nos temas que abraça, lança e condensa, com grande poder de síntese.

Em “A Poesia e o Poeta do Candeeiro” Zé Luiz vai cantando suas origens e raízes, vivências e influências, desde sua terra Tupanatinga, a quem chama de “Deusa Branca”, sertão do Moxotó-ipanema que flerta com o Agreste pernambucano, antiga Vila Santa Clara, (cujá reeleitura ficcional pode conferir como cidade cenográfica num Festival Multicultural, a que Zé Luiz Levou prá eu e Antônio Amaral, junto com uma Caravana de poetas e Artistas de Sertânia), passando pelo Coco de



sua terra natal, até Monteiro, na Paraíba e a Sanfona de Dejinha e o verso de Pinto e da rebeldia política da Família Santa Cruz, como se rascunhasse um post scriptum , onde declara assim “...Aqui jaz minha incompletude, dei conta das minhas dores, prestei honra aos amores...” e por aí segue a Caravana de reminiscências de nosso bardo que mistura saudosismo com contemporaneidade. Ele mostra bem esse dualismo em ancestralidade”... minha grandeza está na cor do meu manto...”, ou quando fala da rua Emídio Pereira, “...Onde mora minha saudade...”, de seu pai , a quem batiza de “Minha Verdade” e de “Meu Ipê amarelo” e de sua mãe a seu “amor”, a sua “Oração para Deus”...

“Ensaio sobre o amor e a espera”, segunda parte do livro, creio ser o ponto culminante no lirismo peculiar que percorre toda a sua extensão. Quando o poeta Zé Luiz diz “Lá vem ela”, é como se toda a cidade ficasse em festa e prá ela se pre-

-parasse no aguardo e na expectativa, na esperança e na contemplação. É o amor e a espera, uma temática de conflito, que predomina como um desafio poético, tal as pelejas das cantorias de- pé-de parede, de busca de conquista e retração: “... Eu vejo música no teu olhar,/ como a inspiração suprema/ nos teus lábios um poema/ que preciso declamar...” É também ora perseverança, (... “O risco é prêmio de consolação...”), ora obstinação (“...Antes viver o desencontro do que viver o desapego...”), ora cortejo e celebração (“...o Universo antes dela se deitar, faz serenata prá ela adormecer...”).

Este amor que ora tem caracteres de procura, diálogo e calma revela também que os poetas são guerrilheiros azuis, (azul é a cor do amor), nas disputas amorosas, como anjos guerreiros, armados de metáforas nervosas como “...Nosso amor é estrelas mortas, brilhando no céu da ilusão ...”

hl



e ele saísse por aí , “Doido de pedra e poesia”, ora pela magia desse amor, ora caso esse amor não se concretizasse, preferindo sair a vagar pelo mundo, do que render-se ao peso de uma realidade dolorosa que o esmagaria. Nesta fantasia poética, o Vate violeiro inconformado por sentir-se incompreendido, ao ver a linguagem do amor ser como a linguagem dos poetas, que poucos conseguem entender, seu canto alterna-se em revolta e desolação, em altivez e resiliência: “No campo de batalha”, destrincha: “ Quando a noite silencia, /o pensamento não cala/ nessa hora a alma fala, Candeeiro, luz, poesia...” como se desafiasse a atenção da musa para mostrar que no seu interior está tudo em chamas e que dentro dos subterrâneos de si emergem lençóis de labaredas, como um, ora desesperado, ora resiliente, “Convite prá vir morar nos braços”. Desta forma, o eu-lirico sabe que “Quem ama, confia”, e a sua espera “é sentir

saudade daquilo que lhe invade”, por isso na sua espera comunga Esperança e convicção, porque não há força capaz de impedir os grandes sentimentos amorosos, tanto os choques como as atrações. Seu lirismo não é água com açúcar, embora sua doçura transborde nos seus versos, a beleza deles está na delicadeza artesanal com que trata as narrativas dos dramas da alma, as inquietações do espetáculo do fenômeno amoroso.

Na Terceira parte do livro “Versos dispersos”, Zé Luiz exhibe um apanhado de temas nos quais suas décimas discorrem, indo fundo nas questões sociais, em poemas de protesto como “O Circo de horrores” que o Brasil se transformou de 2016 para Cá, o “Mar de óleo “que vem assolando o território brasileiro, o sofrer dos “Nordestinados” e a “Fome de decência”, bem como uma reverência aos ícones políticos e sociais como Marielle Franco, Paulo Freire, Maria da Penha e aos poetas na-



-cionais, sem esquecer dos do seu terreiro, como o Mestre da Poesia Ulysses Lins, “O Trovador do Sertão”, “o Patriarca da Literatura sertaneja” e o acordeon jovem de Claudinho de Dejinha, que embala sua voz meiga nas cantatas caririescas e moxotescas por onde vai.

“Poemas em rede - antologia de minhas décimas imperfeitas” condensa raízes e territórios, amores e esperas, e a esperança que dispersa nestes terreiros para cantar por um ai, que um novo mundo é possível a partir do amor, mas sempre volta, para se recompor e se encaixarem um no outra porque para o poeta, o céu é o território de todas as possibilidades, Pátria fecunda do amor e da esperança, como ele fertiliza em sua magistral canção “Menina dos Olhos de céu”.

Assim fui que pude perceber o universo do projeto poético de Ze Luiz. Agora, é com o leitor. Só me resta louvar a poesia e o poeta do Candeei-

-ro, meu irmão e parceiro e agradecer honrado e feliz, o privilégio e o prestígio que me deu em escrever esta humilde apresentação prá esse poeta mágico, esse professor carismático e esse ser humano tão maravilhoso Zé Luiz Cavalcante, de quem aqui, agora, confesso-me (Só agora(risos)), suspeito prá falar, por ser seu fã.

Sertânia-PE, de 17 a 20 de Maio de 2020, Plena quarentena da COVID-19.

Professor Josessandro Andrade

"A literatura, que é a arte casada com o pensamento"

Fernando Pessoa

A Jose Luiz do Candeeiro

Não se sabe ao certo, ele chamou Candeeiro, mas ele saiu na INTERNET, de lampião o último cangaceiro, foi o último a morrer, tinha por ofício CANGACEIRO e tinha o nome de CANDEEIRO.

Era um livro de POEMAS, de AMOR, acarretando nomes de amor e decência e porque cada poema é um dos atrativos do livro.

A todos, os poemas, entregam-se a todo mundo.

Professora Doutora Maria Dorotea da Silva

O nascimento do poeta: pagando dívidas

Como nasce um poeta? Será de parto? Ou será de improviso? Para essa pergunta, não tenho resposta e nem saberia como responder prontamente. Por isso, bebo da poesia popular do imortal Pinto do Monteiro: “Poeta é aquele que tira de onde não tem/ E coloca onde não cabe”.

Seres com esse tipo de habilidade são poetas, mas de onde vêm, onde nascem, não sei dizer. Pinto era da Carnaubinha, zona rural de Monteiro na Paraíba, porém foi um cidadão do mundo.

Eu sou pernambucano de Tupanatinga, terra de Santa Clara, filho de Seu José Cavalcanti de Albuquerque e de Dona Maria Izita dos Santos. Hoje, morando em Monteiro desde 2003, já tive passagens por Itaíba, Águas Belas, Sertânia e, com o meu Pai, tive o prazer de rodar um pedaço

enorme desse Brasil na boleia do caminhão.

Costumo dizer, como em uma das primeiras décimas que espero que leiam ou releiam, que cheguei na Paraíba como Cavalcante e hoje me tornei Candeeiro. Esse nascimento é mais fácil de contar.

Casei-me cedo, vim morar na Paraíba, mas ainda continuei a trabalhar como professor na minha terra natal. Durante o tempo livre, aprendi a tocar violão, o suficiente para me acompanhar e para cifrar minhas próprias composições que datavam de bem antes. A musicalidade eu trago de criança, está no sangue de quem descende dos negros do Carrasco.

Durante a adolescência, entre algumas cartas de amor, ensaiei versos, mas a minha inexperiência fez com que esses registros se perdessem.

Lembro-me de, já depois de casado, ainda em Tupanatinga, escrever versos com o amigo Kaká,

na praça Cel. José Emílio de Melo nas noites de
Tiné, Xadrez e Aguardente.

Depois me estabeleci definitivamente em Monteiro, mas trabalhava na Escola Estadual Olavo Bilac na cidade de Sertânia – PE, onde convivi com Josessandro Andrade, Tota Góes, Álvaro Góes, Flávio Magalhães, Gilmarques Andrade, Gilberto Farias, Antonio Amaral e tantos amigos e amigas, que respiravam, faziam e ainda fazem a cena cultural e poética na Princesa do Moxotó.

Através deles, bebi da poesia de Zeto, de Toco, Cieudes, Gabriel Oscar, César Amaral, Zé Mago, Ulisses Lins e um sem fim de poetas e poetisas. Lá fui aos saraus, cantei, escrevi, fui membro fundador da SAPECAS e me convenci de que algum dia poderia me considerar poeta.

Depois do mestrado, passei uma chuva em Campina Grande como professor do IFPB e retornei a Monteiro como professor da UEPB. Aqui

assumi o núcleo de arte e cultura Zabé da Loca do Campus VI. Organizei junto ao professor Adeilson Tavares e Marcelo Medeiros diversos movimentos. Desses movimentos surgiu o grupo Candeeiro Encantado (Prof. Zé Luiz, Robson Araújo e Redlhey Michael).

No “Candeeiro”, tocávamos canções nossas e clássicos do cenário nordestino e nacional. Também trazíamos poemas meus entre as canções. Alguns deles, escritos em Sertânia, outros, já aqui em Monteiro. Era o show, “Zé, Poesia, Música e Luiz”.

O Candeeiro, como todo projeto, teve seu auge por cerca de três anos seguidos. Depois disso, passamos a nos reunir em algumas ocasiões especiais e o que nos unia era o “Candeeiro”: quem vai tocar? Zé Luiz! Que Zé Luiz? Da UEPB? Sim, Zé Luiz do Candeeiro. Estava batizado!

Entre minhas andanças em shows, eventos



acadêmicos ou mesmo reuniões de amigos, expunha minha poesia, minha música, e a cobrança era uma só: quando você vai lançar seu livro? Gravar suas músicas?

Prometia sempre para “breve”. Mas isso não acontecia. Criar é fácil, difícil é conseguir apoio para publicar. Talentos no nosso País têm sobrando. Políticas públicas transparentes, ou mesmo, apoio de outras iniciativas para a cultura é outra história. No final, muitos artistas acabam contando com a garra e a coragem e com o carinho de amigos, amigas, fãs e incentivadores. Especialmente, quando não somos artistas das grandes plateias, porém é nas menores que o carinho é mais intenso.

Daí surgiu a ideia de publicar versos e poemas nas redes sociais. Primeiro, no Facebook; depois, no Instagram e, de lá, para o Twitter e similares. Nessas postagens, observei que décimas interes-

-savam mais ao público virtual, especialmente por ser um texto mais curto. Ana Luiza, Ana Laura e Maria Eduarda eram meu termômetro de aceitação.

Ainda assinava como Zé Luiz Cavalcante. Mas logo depois do meu doutorado, eu já me apresentava como Zé Luiz do Candeeiro. Certa vez, Bhira Mariano, me disse “Zé, cantores o cariri tem muitos, mas artistas são poucos, e você é um deles”. Dali em diante, assumi meu convencimento. Sentia-me Poeta.

A produção mais intensa veio com o Doutorado e depois dele. Na minha tese, juntei um compilado de textos, chamados poemas de tese. A relação com minha orientadora foi toda poética, escrevia um poema e dali nascia um capítulo do trabalho. Ela sempre dizia; “minha relação com Zé é diferente, ele me entende, ele tem alma de poeta”.

A poesia e o poeta do Candeieiro



EU SOU

Sou metamorfose das eras
Na revolução do tempo
Sou amor que no relento
Espero pelas quimeras
Sou o silêncio que reverbera
Eco nas paredes do infinito
Sou o sorriso mais bonito
Que no escuro se revela
Sou a lágrima no rosto dela
Na emoção do verso escrito.

Décimas imperfeitas

Em décimas imperfeitas
Comungo com o mundo
Exponho meu eu profundo
Miscelânea de facetas
Onde o coração espreita
Sonha, chora, ri e sente
Visto-me do sol poente
Para me despir em poesia
Da alma faço antologia
Para o amor no sol nascente.

A poesia

Poesia é inspiração divina
No sopro da humanidade
É o sorriso da flor menina
É o amor que nos invade
É um cheiro de saudade É
a palavra trazendo magia
Sentimento rimando alegria
Na arte do lírico ao popular
Poeta é quem sabe criar Do
barro da vida a poesia.

o verso e o cantador

Um verso não se mede
Um verso se aprecia
Na raiz de toda poesia
O sentir é que precede
A métrica só procede
Para quem se vale do rigor
Para expressar o amor
Há uma regra fundamental:
Nenhum verso monumental
É maior que seu cantador.
(Para Anchieta Dali)

Ancestralidade

Sou a ancestralidade
No meu canto exaltada
Sou a Jurema Sagrada
Comunhão com a Verdade
Sou pele, cabelo, divindade
Sou a alegria do tambor
Minha grandeza está na cor
Que eu quiser para meu manto
Sou força, raça e sou encanto
Negro! Só eu sou meu Senhor.

Batismo poético

Na certidão está registrado
O nome que meu pai me deu
Quando meu avô o acolheu
Lhe transferiu esse legado
Embora eu me sinta honrado
O sobrenome é formalidade
O sangue e a ancestralidade
Como batismo de cangaceiro
Cavalcante virou candeeiro
Na poesia a minha identidade.



Rua Emídio Pereira, nº 13.

Aquela casa foi o endereço
Onde passei minha infância
Dela guardo a lembrança
Que trago com todo apreço
O teto cobria meu berço De
papelão e simplicidade
Ali aprendi as verdades
Valores para a vida inteira
Na Rua Emídio Pereira
Ainda mora minha saudade.

Tupanatinga

Subindo e descendo ladeira
Foice, Bomba, Maternidade
Igrejinha e Rua da Saudade
Comércio e Rua Emídio Pereira
Braz, Fundec, Horizonte: é ladeira!
Baixa funda, Grande, Velha e Bicão
Xoxó, Serra dos Dé, Boqueirão
É ladeira, agreste, caatinga
É Deusa Branca: Tupanatinga
Onde sobe e desce meu coração.



Dezenove

Aos dezenove dias
De um ano qualquer
Através daquela mulher
A vida Deus me daria
Era o verso e a poesia
Como um casamento
Mãos dadas no juramento
Duas almas entrelaçadas
Uma união eternizada
Desde o dia do nascimento.

Imperfeições

Perfeição longe d'eu
Sabedoria tirou fino
Cantando desafino
Honro o que é meu
O dom que Deus deu
Para mim é sagrado
Assim sou iluminado
Minha luz é a poesia
O amor é minha guia
Amar é o meu recado.

Minha oração para Deus

Sem me conhecer
Tu já me amavas
Não se importava
Com o que eu iria ser
Antes de eu nascer
Experimentei seu calor
Seu carinho é uma flor
Que perfuma minha vida
Minha oração preferida
Minha mãe, meu amor.

Meu porto, meu ipê amarelo

Nos tantos anos de jornada
Com sua graça e retidão
Aprendeu cada lição
Na dura e longa caminhada
A escola foi a estrada
Da vida é meu Professor
Me ensinou com primor
Sobre a honradez e amizade
Meu Pai é minha verdade
Meu ipê, porto, meu amor.

Luz e graça

Meu poema inacabado
Verso perfeito de Deus No
espelho dos olhos teus Sinto
o meu ser completado Há
eras eu tenho te amado Nas
eternidades renova o ser
Cada partícula do teu querer
É como um anjo querubim
És a melhor parte de mim
Maior do que jamais vou ser

Graça e Louvor

És a rosa perfumada
Que alegra meu jardim
És o melhor de mim
Fazes a vida encantada
És a poesia rimada
Em versos de flor
Obra do Criador
De bondade é tua aura
O teu nome é Ana Laura
Minha menina, meu amor.

A morte do Poeta

A morte deste poeta
Não é a falta da palavra
É o “não sentir” que lhe trava
Emudece, apaga e secreta
Sua morte só será certa
Quando não puder amar
Se acaso tiver que se calar
Frente às injustiças da vida
Daí terá uma morte doída
E seus olhos irão se fechar.

Epitáfio

Aqui jaz minha incompletude
Dei conta das minhas dores
Prestei honra aos amores
Olhei o espelho da finitude
Cada verso foi uma atitude
Ante a minha humanidade
Sonhei o amor, vivi saudades
Inventei mundos de sentir
No imaginário me vi partir
Pela estrada da eternidade.

Ensaio sobre o amor e a espera



Céu Castanho

Estrelas sob a luz do sorriso
Deixavam o céu castanho
Como sentimento estranho
Que deixa a gente indeciso
Quando vê já é preciso
Nossa alma poder tocar
Um afago para acalmar
O silêncio de uma canção
O olho brilha na escuridão
Se o querer vem nos encontrar.

Floração

A floração estava a caminho
Vinha com cheiro de dezembro
À tardezinha ainda me lembro
Como o sol dourando o espinho
Tua flor era como um carinho
Perfumando a noite do sertão
A primavera do meu coração
Não tinha estação definida
A flor do amor em minha vida
Chegou num quase verão.

Disfarce

Quando eu fui ver
Já era saudade
Quase necessidade
Entre desejo e querer
Não procurei saber
O motivo nem a razão
As coisas do coração
Quem tenta explicar
Não vê o Amor chegar
No disfarce da Paixão.

Incerteza do talvez

A incerteza diante de nós É
um espelho quebrado
Onde o futuro e o passado
Diz que estamos sós
Calando a nossa voz
Ele devora o sentimento
Nos deixando sem alento
De um sonho que se desfez
No desconforto do talvez
O querer vira descontentamento.

La vem ela

Quando ela vem chegando
A cidade fica em euforia
As ruas se vestem de poesia
Os casarões se agitando
Acho que vi um deles cantando
Só para ver você passar
As calçadas querendo brigar
Disputando a sua pegada
Eu calado sem dizer nada
Oferto o peito para lhe hospedar.

Poética

Eu vejo música no teu olhar
Como a inspiração suprema
Nos teus lábios um poema
Que eu necessito declamar
O meu verso quer te rimar
Em uma métrica delicada
Te cantar sem dizer nada
No silêncio de te abraçar
A poesia veio me visitar
Quando aqui tu fez morada.



Prêmio de Consolação

Jogo de carta marcada
Já se sabe o resultado
Mas eu já tinha jogado
Numa aposta arriscada
Na vida é tudo ou nada
Apostei a melhor mão
A carta alta era a paixão
O prêmio esperado: o amor
Posso não ser o ganhador
Arriscar é minha consolação.

Gesto

Para quebrar a monotonia
Aquele gesto inesperado A
paixão sem ter avisado Logo
se faz verso e poesia É como
se aquele bom dia Ganhasse
nova dimensão A alegria
tem uma ligação E tudo
vira perfume e cor Hoje só
desejo que o Amor Chegue e
toque seu coração.



Desencontro

Eu já estava chegando
Mas ela já estava saindo
Quando eu estava indo
Ela já vinha voltando
Era a gente tentando
Mas não tinha sossego
A alma quer chamego
O destino não marca ponto
Antes viver o desencontro
Do que viver o desapego.

Madrugada de saudade

A noite abriu as cortinas
Para apresentar a madrugada
Ela chegou todo fantasiada
Como a mais bela bailarina
No espetáculo que fascina
Encantou a lua e as estrelas
Até o sol esperou para vê-la
Antes dela partir ao Norte
A saudade é uma palavra forte
Mas ele não teve como contê-la.



A ex do ex

O destino é inusitado
Toda hora é uma lição
Veja aquela situação
A ex do ex namorado
Sentada do seu lado
Ela viu a oportunidade
Contar a ex do ex a verdade
Entre elas e o ex só resta:
“Dizer vaso ruim não presta
Nem quando vira antiguidade”.

Espera

Espera é o desejo de chegar
Sentir o que não chegou
De todo o tempo que passou
Espera é poder acreditar Que
é preciso esperar Espera
comunga a convicção Que
nossa fé não é ilusão Espera
é sentir saudade Daquilo que
lhe invade
Quando antes tocou o coração.

Verso feito não se desfaz

Minha poesia tem endereço
Também tem hora marcada
Ela te espera na estrada
Quando lhe faltar apreço É
prova que não esqueço
Do amor que é necessidade
Pois até quem sente saudade
Precisa seguir em frente
Os versos que fiz para gente
Estão guardados na eternidade.

Finado

Com o final do dia
O sol também finda
Há tempo ainda
Embora a agonia
Dance na melancolia
Do que virou passado
Tem tudo findado
Paixão, poema, vida.
Saudade é vela esquecida
De um amor finado

Serenata para Noite

A noite e seus olhos de luar
No manto do céu adormecia
Os ventos recitando poesias
Baixinho para não incomodar
Meia-luz para não lhe acordar
As estrelas a velam com prazer
O sol antes mesmo de nascer
Pede licença na hora de entrar
O universo antes dela se deitar
Faz serenata para ela adormecer

Saga imortal

O sol da vida
Se pôs na eternidade
Deu-se a noite de saudade
Em sua despedida
No verso de partida
A lágrima de gratidão
No universo era um grão
De poeira ancestral
Começou sua saga imortal
Quando parou seu coração.

Morada

Vem morar no meu abraço
A varanda é bem ventilada A
rede também está armada Até
do céu cabe um pedaço Mas
se quiser mais espaço Faço
de beijos um puxadinho No
meu coração tem um ninho
Vem ligeiro, anota o endereço
Eu moro na rua do apreço Na
esquina com carinho.

Estrelas mortas

O universo não se atrasou
Nós perdemos o compasso
Escolha é o tempo e espaço
Que a mão da vida desenhou
Cada estrela que já brilhou
Cumpriu sua destinação A
poesia se esvaiu na fusão
O verso de carbono entorta
Nosso amor é estrela morta
Brilhando no céu de ilusão.



Se

Ao vê-la ali em sua frente
Sentiu-se paralisado
Sem nunca tê-la tocado
A amava loucamente
O desejo transparente
Seus sentidos confundia
Ela era mais do que podia
Embora tivesse sido mais
Mas o “se” vinha com jamais
No verso final da poesia.

Exceto

Já se sabe o dito popular
Água mole, pedra dura Um
dia haverá de furar Mas se
no caminho achar A pedra
que te faça mudar Então
siga sua nova direção Até
ditados tem exceção O rio
achará novo rumo Morrer
de amor eu assumo Só não
suporto humilhação.

Por quem os sinos dobram

Esperiei as doze badaladas
Do antigo sino da igreja
Enquanto o olho lacrimeja
Esperiei paciente tua chegada
O motivo de estar atrasada
Podia ser qualquer um
A nossa rotina incomum
Vivia de entrevero com o tempo
O sino dobrava sentimentos
Que não eram segredo nenhum.

Ilusão de ótica

Eu carrego tua lembrança
Como uma imagem refletida
Insistentemente é repetida
Até onde minha vista alcança
Por desespero ou esperança
É um enigma por desvendar
Como pode em todo lugar
Tua sombra de luz presente?
Ontem te vi na minha frente
E aquela ilusão me fez chorar



Vem

Vem, segue o curso
De nossa necessidade
Rio levando a vontade
Desejo movido a impulso
Teu corpo é o percurso
Estrada que leva a nós
Se ao longe estamos sós
A distância não nos repele
É capaz de misturar as peles
E sentir os pelos darem nó.

Só de abraçar

Há tempos não lhe vejo
Não sei o que é alegria
Tua ausência só amplia
O vazio cheio de desejo
Não sei o gosto do beijo
Mas sei a falta que faz
Se o abraço já é capaz
De trazer tanta saudade
Imagina minha vontade
De sentir teu algo mais.



Quimera

Nasce no coração
Uma flor delicada
Precisa ser cuidada
Do frio e da solidão
No cheiro da estação
Ela espera tu cuidar
Se você não adubar
Passará primavera
A flor será quimera
Que vê o amor murchar.

Fio de Cabelo

Na saída a porta bateu
Levou tudo o que podia
As lágrimas e a alegria Na
mala tudo o que era teu
Mas não sei se esqueceu
Ou premeditou a maldade
Com requinte de crueldade
Machucou meu cotovelo Na
cama um fio de cabelo Com
ele o DNA da saudade.



Tapera

Meu olho de lente refinada
Nem sempre poderá me guiar
Às vezes é preciso se orientar
Por rotas não planejadas
Caminhar fazendo a estrada
E a estrada fazendo o caminho
Não há como saber dos espinhos
Nem o perfume que nos espera
Do barro ver nascer a tapera
E nela esperar o carinho.

Volta de quem não foi

Ainda espero você chegar
Guardo no velho caderno
Aqueles versos ternos
Que jamais ousei publicar
Mesmo tendo que acordar
Parar de sonhar não era opção
Afinal foi a única condição
Que a fantasia me permitiu
Aguardar quem nunca partiu
Porque nem chegou ao coração.



Fio do amor

A linha do sentimento
Nos labirintos da vida
Até nos becos sem saída
Me conduziu ao lento
Não trago arrependimento
Mesmo na ingratidão
De quem segurou minha mão
Depois se foi como Teseu
O amor é o fio que me prendeu
Libertando meu coração.

Acarinhar

Se acarinhar no teu querer
Me encaixar no teu peito
Vou ser feliz de todo jeito
Ouvindo teu coração bater
Comungando do prazer De
ser um pedaço teu Pois o peda-
ço que me deu É maior que o
todo de mim Somos um univer-
so sem fim Desde que em mim
tu floresceu.



Rasantes

Sob o chão a folhagem
Completava a nostalgia
Lembrança que arrepia
Decorava a paisagem
Como aquela miragem
Que ilude o caminhante
Na procura agonizante De
encontrar o seu alento A
saude vinha no vento E
a solidão dava rasantes.

Copo americano

O fundo do copo refletia
As entranhas de sua dor
O intenso e estranho rigor
Com que a rotina se repetia
Dava sinais que ali havia
Um coração amargurado
A canção e a voz de Reginaldo
Roucas no disco repetido
Diz: antes tivesse lhe ouvido
E ao garçom a dor confessado.



Linguagem do amor

Em todo poema escrito
Há um quê de autorretrato
As metáforas são o fato
Do dito pelo não dito
A vida é um manuscrito
Que só pode compreender
Quem se permite viver
Eis a máxima anunciada
Não é na língua grafada
Que o amor se deixa ler.

O poeta e a flor

Quando cruzaste meu olhar
Nem eu, nem você sabia
Que havia em nós poesia
Eternos versos por desvendar
Só o destino pode explicar
Já que ele é quem foi autor
Que escreveu para nós o amor
De forma singular e incerta
A vida me fez virar poeta
Para cantar a beleza da flor.



Onde estará o meu amor

Perguntei ao vento
Nada de notícia sua
O sol disse que a Lua
Não estava no momento
Fui ficando sem alento
Procurei em toda cidade
Mas ninguém por caridade
Conseguiu me responder
O jeito então foi escrever
Mais um verso de saudade.

Doido de pedra e poesia

Sonhei que estava louco
Em um ritmo frenético
Me vi num surto poético
Milhões de versos eram pouco
As rimas me deixando mouco
Aquele loucura me afligia
Me mandaram à psiquiatria
O doutor vendo meu estado
Fez um verso no atestado
Eis um doido de pedra e poesia.



Musa

Se o poeta é um escultor A
musa é a matéria-prima Dela
brotam versos e rimas Ele é
como um beija-flor Experi-
menta cada sabor Para seus
poemas criar Secretamente
vive a cuidar De longe, ela nem
desconfia Que ele é feliz se sua
poesia Tem nela um lugar para
morar.

A ponte e o rio

Do rio que ali passava
Só a velha ponte restou
Dá provas que ali passou
Águas que eu me banhava
A margem que separava E
a ponte que nos unia Viu
o rio secar em agonia A
terra soterrando o leito O
rio secando no peito E a
ponte do amor ruía.

Amor de vento e água

As águas conhecem os ventos
Os ventos conhecem as águas
Enquanto elas lavam as mágoas
Eles vão varrendo os tormentos
Eles partilham sentimentos
Dos segredos de nossa alma
Se o vendaval trazer traumas
E a tormenta nos causar dor
Os ventos e as águas do amor
Nos trarão consolo e calma.

Ciúmes

Assim que o sol se deita O
Cariri se põe a esfriar Um vio-
lão para esquentar Num verso
a gente se ajeita A lua em uma
rima perfeita Começa a cantar
uma canção Dasque-
las que aque-
cem coração Quando vê o frio
tem passado O sol que fica todo
enciumado
Acorda aperriado e queima o chão.



Flor Sertaneja

Os espinhos protegem a flor
Guardam ela com carinho
Só permitem fazer-lhe ninho
Quem lhe trata com amor
Pelo sol não tem rancor
Na aridez aprendeu conviver
A força que lhe faz renascer
Vem das entranhas do sertão
Seus pés têm raízes no chão
Ela é o Sertão querendo viver.

Rio

Inspiração é um rio
Correndo para o (a)mar
No inverno ou no estio
Ele se deixa singrar
Nele só pode se banhar
Quem se permite sentir
A emoção de ficar ou partir
Os dias de alegria ou dor
Quando vento sopra o amor
O rio (é) chama e tenho que ir.



Máquina do tempo

Em apenas um pensamento
Sabores, cheiros e emoções
Revivi cada uma das canções
Que tocaram nossos momentos
Pois o verdadeiro sentimento
Não se desfaz com facilidade
Dura algumas eternidades
Até se desfazer no vento
Fiz uma máquina do tempo
Com o motor da saudade.



Campo de Batalha

Quando a noite silencia
O pensamento não cala
Nessa hora a alma fala
Candeeiro luz poesia
Aurora prepara o dia
Devora as madrugadas
Acolhe rimas refugiadas
Dos conflitos da paixão
Versos fazem revolução
E o coração na retaguarda.

Entrelaçamento quântico

Cientistas neste momento
Realizaram teletransporte
Partículas de pequeno porte
Em quântico entrelaçamento
Mal sabiam que o sentimento
Já havia este feito realizado
Nós partilhamos de estados
Grãos de Areia no universo
Entrelaçados em rima e verso
Pelo amor teletransportados.

O amor pulsa

O amor ainda pulsa
Estranhamente resiste
Ante atrocidades insiste
Como expressão de repulsa
Que a maldade expulsa
Meu amor é combatente
Mas também é complacente
Minha natureza é amar
Mesmo quando a folha secar
Serei adubo novamente.

Passado

Ele não temia a solidão
Ele temia a sua ausência
A mais sensível evidência
De um final sem solução
A saudade era expressão
Do fracasso consumado O
futuro é inesperado Sofrer é
seu presente Antes só, mas
consciente Que o que pas-
sou é passado.

Como dois animais

Ela é a onça pintada
Eu o cachorro vadio
Nossas almas no cio
Em noite enluarada
Sob o céu na calçada
A testemunha era a lua
Duas pessoas na rua
E um violão desafinado
Traz no peito guardado
Uma canção que é só tua.

Conserto da alma

Eu que ensaiei despedidas
Não vi quando você partiu
Quando sentimento surgiu
Já estava aberta a ferida
Mas às vezes é na partida
Que vencemos os traumas
A certeza que nos acalma
É saber que tem decisão
Que quebra nosso coração
Porém conserta a alma.

Fui

Quando você me procurar
Pode ser que seja tarde Aque-
le desejo que arde É fogo que
pode se apagar Eu insisto em
me enganar Que é só uma
fase ruim Talvez seja melhor
assim Perdemos o passo do
amor Quem se ocupa com o
rancor Não percebe a hora do
fim.



Fita amarela

No cabelo fita amarela
Amarra os pensamentos
Arco-íris de sentimentos
Enfeita o vestido dela
Do céu faz a passarela
Para os sonhos desfilar
Metade de si é amar
A outra metade é amor
Ela deixa cheiro de flor
No que toca com o olhar.

Oração

Hoje cedo ao levantar
Fiz uma pequena oração
Para o amor te encontrar
Em qualquer situação
Que seja tua inspiração
Guie cada passo seu
A fé que se perdeu
Seja por ele renovada
Te acompanhe na jornada
Que fará sem o abraço meu.



Faz que vai

Vez por outra você some
Sem dizer se vai voltar
Seu silêncio me consome
Vou tentando suportar
Quando começa a sarar
Volta e mexe na ferida
Desconcerta minha vida
Novamente eu te aceito
Prefiro ver sangrar o peito
Que aceitar tua despedida.

Leve

Leve meus versos
Por onde você for
Nos ventos dispersos
Sobre ares de amor
Coração em fina flor
Sejam por eles tocados
Leve todos aos bocados
Depois volte pegue mais
A fonte não seca jamais
Quando o verso é partilhado.

Concriz fofoqueiro

Hoje quando o sol me abraçou
Um pássaro me acordou feliz
Um beija-flor me confidenciou
Apaixonou-se por uma flor de lis
A rosa enciumada disse ao concriz
O fofoqueiro espalhou aos ventos
Todos souberam do acontecimento
Na fofoca alguém escutou errado
Disseram o poeta está apaixonado
Não mentiram em nenhum momento.

Lunar

Desde as eras ancestrais
O céu trouxe admiração
Ciência trouxe a explicação
Para os mitos universais
Mas há mistérios divinais
Ainda não revelados
O olhar dos namorados
O amor em eclipse lunar
Eu nasci para admirar
Tu que é meu céu enluarado.

Está feito

Minha alma terra rachada
Sinal da tua passagem
Foi chuva na estiagem
Mas se foi sem dizer nada
Presença em mim gravada
Deixou cicatriz no peito
Como rio seco no leito
Espero a vida se renovar
Você pode até não voltar
Mas o bem que fez, já está feito.

Espelho quebrado do tempo

Sob a noite escura e fria
Última chama da paixão
Queima entre as cinzas no chão
Na lua o desejo se escondia
O medo causava paralisia
Fantasmas com o vento
Zunindo no pensamento
Traziam do Além o recado
Nosso amor ficou guardado
No espelho quebrado do tempo.

Confessionário

Na madeira joelho prostrado
Ante a tela esconde o rosto
Derrama sonhos e desgostos
Em cada poema confessado
A paixão por vezes é pecado
Porém noutras é redenção
Em segredo entrega o coração
Sua penitência é feita em verso
É no confessionário do universo
Que o poeta faz a sua confissão.

Julgamento

O tribunal abriu a sessão
Coração foi a julgamento
Por advogado o sentimento
A razão fazendo a acusação
A testemunha era a paixão
O réu se declarou culpado
Reconheceu estar errado
Aguardou a sentença feliz
O tempo é o soberano juiz
Dos corações apaixonados.



Namoradeira

Namoradeira na janela
Das mãos de Vitalino
A cantiga mais bela
Do poeta Marcolino
Somente o barro divino
É que poderá criar
Quem apenas com um olhar
Vira matéria de inspiração
Todo poeta tem no coração
Para sua musa um lugar.

Dia dos Namorados

No dia dos namorados
Dispensei o presente
Esperei pacientemente
Veio a noite, nenhum recado
Aquele beijo tão sonhado,
Nada disso aconteceu
Meu coração se abateu
Resolvi não mais te amar
O sol nem chegou a raiar
E a paixão de novo nasceu.



Química

Se bater forte o coração
É a adrenalina chegando
A felicidade aumentando
É a dopamina em ação
Noradrenalina na atração

Faz dois virar casal
Nessa química especial
O amor está presente
Ele é o maestro regente
Dessa sinfonia hormonal.

Teoria da Relatividade

Qual será a velocidade
Em que viaja nosso amor?
Ele é o desabrochar da flor
Criando nossa relatividade
Nela a curvatura é a gravidade
Que explicará nossa atração
Ela quem altera nossa percepção
Criando nosso espaço-tempo
Na velocidade do sentimento
A constante é a nossa paixão.



Redes sentimentais

Quero te marcar
Não na postagem
Nem na imagem
Mas com meu tocar
Quero lhe cutucar
Para você curtir
O que de bom existir
Na nossa conexão
Em rede o coração
Se conecta no sentir.

Ferro e ferreiro

Quem semeia ingratidão
Nada de bom colherá
Cada fruto de solidão
O destino não esquecerá
Em dobro retornará
A dor que você me deu
Não é um desejo meu
Mas é assim a lei da vida
O ferro de quem fez a ferida
É mesmo que ferirá o peito seu.

Imprudência

Sentimento na ladeira
Pela paixão embalado É
carro desembestado Des-
ce em toda carreira Não
percebe a besteira Só
importa a velocidade Lá
na curva da saudade Nem
dá tempo de frear Quem
viu o peito capotar Sabe
da vida a verdade.

Invasão em domicílio

O amor bateu na porta
Acompanhado da paixão
Não esperou nem resposta
Foi logo ocupando o coração
Mudou toda a decoração
Eu disse fique à vontade Só
não sabia a verdade Ele nem
desfez as malas Se foi dei-
xando na sala Um retrato da
saudades.



Tem gente

Tem gente que manda recado

Tem quem mande flor

Tem gente que fica calado

Quando o assunto é amor

Seja do jeito que for

No abraço ou na poesia

“Eu te amo” ou “bom dia”

Não deixei amanhã para fazer

Esses versos são para ti dizer

Eu gosto muito de você, sabia?

Dez em redação

A vontade de te beijar
Me causava agonia
Tentei até disfarçar
Mas o coração tremia
Busquei refúgio na poesia
Olhos e versos a dizer
Você parecia não entender
A mensagem de meu coração
De que vale tirar dez em redação
Se o meu amor não sei escrever?

Amor de junho

Ainda há cinza no terreiro
Da fogueira derradeira
Queimou a noite inteira
Feito chama de candeeiro
Iluminou o céu inteiro
Fez festa no meu coração
Mas a chama se foi no balão
Ignorando a norma de segurança
O seu amor foi uma dança
Que durou uma noite de São João.

Abraço (s.m.)

Abraço é substantivo

Abraçar é ação

No abraço o indicativo

De afeto, amparo, proteção.

Quando aquece o coração

Abraço se torna terapia

No verso ele vira poesia

Declara o que não se diz

Teu abraço me fez tão feliz

Que minha alma até sorria.



Balanço de Rede

Quer saber o que é paixão?
É feito balanço de rede
Metendo o pé na parede
Voa mais alto a emoção
Armada no torno da ilusão
Ignora conselho de mãe e pai
Vez em quando a gente cai
Dana o lombo no chão.
No balanço da rede da paixão
Se ama arrisca, se teme não vai.

Monólogo da espera

Reticências no verso
O arrastar dos ponteiros
A idade do universo
A demora do carteiro
O trem e o passageiro
A promessa e o desejo
A chuva e o sertanejo
Tudo aqui é espera
Só amor não desespera
À espera do teu beijo.

Tempo da mudança

Chega o tempo da mudança
Na mala levaremos saudade
Pelo impulso da necessidade
Cantamos canção de esperança
A vida mudando o par da dança
A gente seguindo o compasso
Sem saber onde leva o passo
Se for para cair que seja de pé
Tudo muda, só não muda a fé
Que nos guarda naquele abraço.

Presente

Embrulhei meu coração
Num papel de presente Lhe
dei delicadamente Só pedi
carinho e atenção Rasgou o
papel, jogou no chão Meu
coração logo percebeu Que o
presente não mereceu Pare-
ce que tinha adivinhado Ele
também seria rasgado Como o
papel que se perdeu.



Lua de inspiração

A lua que vejo daqui
É a mesma lua de lá Eu
olhando-a de cá Você
olhando-a daí. Entre nós
há um Cariri Dentro de
nós um Sertão Enfeitan-
do nosso coração Estrela
D'alva de saudade No céu
de nossa vontade A lua
será a inspiração.

Real

Na velha estação de trem
Olhos ligeiros como vapor
Procurava aflito o seu amor No
rosto dos que vão e vêm Sem
perguntar a ninguém Pois nin-
guém saberia dizer O que só o
coração pode saber Se revelou
de forma inusitada O velhinho
sentado na calçada
Também espera quem quero ver.



Ciço das Baterias

Viajando naquela lotação
O final vinha primeiro
O começo por derradeiro
No bagageiro o coração
O motor rocando emoção
A veraneio era sentinela
De banguela em banguela
Não era a força da gravidade
Eram os ventos da saudade
Que me empurrava até ela.

Diagnóstico

O doutor falava irredutível
Ele precisava cortar o doce
Mel, açúcar, seja lá o que fosse
O doce na vida era impossível
O paciente escutando sensível
Distraído olhava pela janela O
médico continuava a querela
Achando que lhe convencia O
paciente disse que não podia
Viver sem o doce do beijo dela.



Amarei mesmo assim

Amar é vulnerabilidade
É entrega, doação
É da humana condição
Dividir sonhos e vontades
Crendo que a felicidade
Será o melhor resultado
Há quem foi decepcionado
Sentiu o coração quebrando
Prefiro morrer tentando
Do que viver sem ter amado.

Nome no papel

Reconheço a caligrafia
Era teu nome no pa-
pel Na mente se fez painel
Lembrança daquele dia
Pelas bocas a melodia Dos
perfumes misturados Como
segredos guardados Pelo uni-
verso esquecido Seu nome
no papel perdido É prova do
amor encontrado.



Medo

Meu medo é te perder
Para mim mesmo
Deixar tua sorte a esmo
E não poder te defender
Meu medo é você esquecer
O caminho para voltar
Onde você pode sonhar
E o futuro é o meu abraço
Onde é livre o traço
Que você quiser desenhar.

Sol e Lua

A cena se repetia
Era o sol a raiar
Beijando o mar
No nascer do dia
De longe a lua espia
Pela brecha da janela
Que a revolução deu a ela
Talvez por sorte ou azar
Ela não pode lhe tocar
Ele não pode ser dela.

Filme triste

O romance não durou uma cena
Quem dirá um filme inteiro
Não sei quem fez o roteiro
Mas sei que é de dar pena
Quando a falsidade encena
O desfecho final é a solidão
O filme mudo da ingratidão
Grita aos nossos ouvidos
Meu ingresso foi perdido
Quando entrei naquela sessão.

Cheiro de Jatobá (Vale do Catimbau)

Na espaçonave milenar
Perdido entre mundos
Sentiu desejo profundo
De ao seu berço voltar
Sem garantia de chegar
Nem um sinal, nem um traço
Se viu perdido no espaço
Ele pediu forças a Obá
E no cheiro do Jatobá
Achou no Vale teu abraço.

Melhor parte

Você é a melhor parte do dia
Seja por segundos ou horas
Ei, já sei que sem demora
Tudo vira rima e poesia É o en-
contro da paz e a alegria Que
faz a gente transbordar Meu
coração te vê entrar Palpita,
acelera, aperta e ri Ele sabe
que é só você sorrir Para felici-
dade chegar.

Protesto

Em frente ao seu portão
Resolvi fazer um protesto
Não entenda meu manifesto
Como uma transgressão
Mas como uma declaração
De quem precisa te encontrar
Não arredo o pé sem te abraçar
Estou de greve para a solidão
Para encerrar não tem previsão
Principalmente se me aceitar.



Dia de São Sebastião

Era dia de São Sebastião
Aos dezenove de janeiro
Em nossos olhos a paixão
Na sombra do umbuzeiro
Desde então o padroeiro
Nosso amor tem guardado
Cada ano que tem passado
Aquela noite é a inspiração
Antes de entregar o coração
Os céus já tinham abençoado.

Carro de Boi Estelar (Vale do Catimbau)

Na sombra do cajueiro
Carro de boi reluzente
Duas estrelas na frente
Por entre pau do tamoeiro
Um velho fulni-ô é o carreiro
Tinha chegado de viagem
Com planetas na bagagem
No Vale veio descansar
De ferrugem o céu vai riscar
Pois está só de passagem.

Versos diversos, dispersos



Guerreiro verdadeiro

Golpe a golpe sucumbiu
O corpo já sem alma
Não resistiu aos traumas
Tentou, mas não conseguiu
Até quando pôde resistiu
Ante o caos e a destruição
Viu a luta escapar das mãos
Perdeu a peleja, não a dignidade
Se prova um lutador de verdade
Quando ele expõe seu coração.

Marielle

Era só uma vereadora
Era só uma mulher
Só uma negra, como quiser
Se meteu a defensora
Pela vilandade opressora
Teve sua vida ceifada
Depois de assassinada
Morre ainda diariamente
Por quem impunemente
Quer sua memória manchada.

Poesia nacional

Vem comigo Drumondiar
Em Cecílias, Clarices e Prados
Carolinas, Hildas, Amados
Em Arianos, Buarques e Gullar
Venha comigo Quintanear
Em Castros, Evaristos e Cabral
Pintos, Patativas e Lourival
Pensador, Cazuzas e Emicidas
Sobra tempero e não falta vida
No caldeirão da poesia nacional.

Nossa Senhora das Dores

Desde Simeão e a profecia
Até o fim do calvário
Ela fez no peito santuário
Com cada dor que sentia
Consagrada como Maria
A mãe do nosso Salvador
Escuta de nós o clamor
Intercessora dos pecadores
Viva a Nossa Senhora das Dores
Tradução do divino amor.



Vai passar

Seu coração tem sangra-
do E a solidão sopra pavor
Também sinto a sua dor
Sem estar ao seu lado Man-
dei aos céus um recado
Como uma humilde oração
Pedindo pela sua proteção
Nas horas de dificuldade
Passará e a tranquilidade
Chegará em teu coração.

Fome tirana

O tempo e sua fome tirana
Comeu tudo pela frente
Já levou o engenho de cana
Que fazia o doce da gente Da
casa só sobrou o batente Do
carro de boi só o tamoeiro
Olhando para aquele terreiro
A saudade me trai a memória
Meu passado é uma história
Que o tempo desfaz por inteiro.



Mar em óleo

Óleo cru sufoca a vida no mar
Com requintes de crueldade
Teu ódio que a pátria invade
Também quer nos sufocar
Mas enquanto puder respirar
Será pelo meu afeto incomodado
Lutaremos juntos lado a lado
Sob o fogo, óleo e destruição
Pagarão cada crime de omissão
Quando o amor tiver triunfado.

Off line

Na noite sem eletricidade
Os celulares desligados
O caos logo é instalado
Pelas calçadas da cidade
Gente em conectividade
Parando para conversar
As estrelas para admirar
Costumes de antigamente
A luz volta e novamente
Eles tornam a se apagar.



Sem energia elétrica

A noite sem energia
Era sempre inusitada
A televisão desligada
Dava lugar à poesia
Nas calçadas se ouvia
Dos mais velhos a lição
Se aparecia um violão
O céu ficava encantador
Se falta energia no interior
Não falta luz no coração.

Estrada

Testemunha das partidas
Mas também das chegadas
Sempre há uma estrada
Nos caminhos da vida
Ela também é despedida
Às vezes ela é traiçoeira
Com suas curvas e ladeiras
Pede respeito ao viajante
Quando o sonho é distante
A estrada é nossa companheira.

Escola de criança

A roda do tempo a girar
E você correndo na rua Era
capaz de ir até a lua Volta-
va antes do jantar Catava
estrelar do mar Enchia de
sonhos a sacola Só precisava
de uma bola Para dar um
bico na tristeza A infância é
nossa riqueza Ser criança a
nossa escola.

On/ off

Olhos vidrados na tela No
emaranhado da rede Às vezes
derruba paredes Noutras fe-
cha as janelas Aí de nós se não
fosse ela! Aí dela se não fosse
nós! A tecnologia que desata
o nó Acende o dilema binário
Nos bits e bytes do imaginário
Conectados e às vezes sós.



Nordestinados

Somos nordestinados
A grandeza de um sertão
Que se derrama na floração
Na caatinga e no roçado
Somos o frevo e xaxado
Nos versos de Marcolino
É o oxente e o “marmenino”
De repente na invernia
Eu celebro todos os dias
O orgulho de ser nordestino.

Jardim Sagrado

A felicidade verdadeira
Se constrói no dia a dia
Cultivar em nós alegria Que
a vida é passageira Como
plantar bananeira Dar vida
à criança interior A fé, a es-
perança e o amor Farão de
ti jardim sagrado Para cada
dia conquistado No jardim
nascerá uma flor.

Renovar-se

A hora de mudar
Depende da estação
Mas essa decisão
Só tu podes tomar
As folhar renovar
Para o novo se abrir
Pois só poderá florir
Quem renova por inteiro
É a lição do umbuzeiro
Que deixa as folhas cair.

Ipê Amarelo

Aquele ipê amarelo
Que dá para a serra
No meu peito encerra
Sentimento mais belo
Na caatinga cria o elo
Da minha inspiração
Como sol é o guardião
Vela a Serra do Teixeira
Inspirou a glosa primeira
Que faz em verso o sertão



Morte Lenta

Roubaram o sorriso do rosto
Aquele brilho ao falar da vida
São lembranças esquecidas
No velho baú de desgostos
No vestido rasgado exposto
Para a vaidade fechou a porta
Esconde a dor que lhe corta
Transpassando o seu coração
Não lhe mataram por ingratidão
Porque viva já estava morta.

Estrada da poesia

O tapete alaranjado
Se estende no sertão
No peito uma oração
Anima os pés cansados
O caminho tem me levado
Por entre noites e dias
Entre agruras e alegrias
Um desejo persistente
Na estrada do sol poente
Caminha a minha poesia.

Circo de horrores

No circo de horrores
Os espécimes exóticos
Enfeitam dramas caóticos
Pisoteiam nossas dores
Os covardes senhores
De arma e sangue na mão
Vociferam o ódio pela unção
Que dizem ter recebido
De fato, quem é o bandido
No jogo nefasto da omissão?

Ágatha

A ordem é para atirar
Na mira do absurdo
A bala acerta tudo
A ninguém vai importar
Se o gatilho disparar
Sobre o sangue inocente
Desde que não seja “gente”
Tudo terá resposta
A criança com tiro nas costas
É genocídio, não é acidente.

Maria da Penha

Toda noite é gritaria
A polícia é acionada
A queixa é retirada
E continua a agonia
No retrato da covardia
Patologia da sociedade
Ignoramos a verdade
Daquela triste situação
Se ela cair morta no chão
Dirão que foi fatalidade.

Ao bom velhinho Paulo Freire

Aos 19 de setembro nascia
Um grande professor
Que elegeu o amor
Como sua pedagogia
Denunciou a hipocrisia
Do sistema de opressão
Foi arauto da emancipação
O reconhecimento internacional
Atesta o legado sem igual
Do ainda patrono da nossa Educação.

Epopéia Sertão

És a delicadeza do espinho
Que rasga o vestido da noite
És a dureza da flor no açoite
Que vai atiçando os passarinhos
Que perambulam no céu sozinhos
Com suas saudades entoadas
Ave noturna aboia a madrugada
Tangendo para longe a solidão
É a epopeia chamada Sertão
Cantada naquela antiga toada.

Triunfará

Se cumprirá a profecia
Na aurora do tempo
A vida soprará o vento
Que varrerá a agonia
Novamente a poesia
Encherá nosso coração
Pois cada Ser deste chão
Haverá de ser plenitude
O bem triunfará amiúde
Sobre o mal e a opressão.

Invisibilidade

Ela era só uma menina
Nos planos a felicidade
Não guardava vaidades
Trazia desde pequenina
Em sua alma feminina
O encanto de uma flor
O destino por dissabor
Lhe dotou de invisibilidade
Um poder que na sua idade
Às vezes lhe causa dor.

Invisibilidade II

No papel um desejo profundo
Nos olhos trazendo ternura
No paletó surrado a armadura
Então, era ele contra o mundo
O currículo lido em segundos
Não revela a vida abundante
Da criança que já foi feirante
Da graxa e da fruta no caixote
Ele era um novo Dom Quixote
Sem nunca ter lido Cervantes.



Armadilhas Mentais

São armadilhas perfeitas
As doenças da nossa mente
Sem causa ou motivo aparente
Caímos de forma insuspeita
Quem sabe, cuida e respeita
Não é fraqueza, é condição
Que se agrava com a negação
De que todos podem passar
De si e do outro é preciso cuidar
Para vencermos a depressão.

Verbo desenhado

Moço, aqui não me falta poesia
O que me falta é papel e tinta
Diante do que a mente pinta
Os versos, rimas e melodias Às
vezes se perdem na fantasia A
natureza é minha inspiração
Se há injustiça, sou indignação
A poesia é manifesto no tempo
De sentimento em sentimento
Desenho histórias no coração.



Sangue inocente

Aquele sangue na calçada
Era de quem vivia na sarjeta
A morte sempre à espreita
Chegou como uma pedrada
O criminoso sem dizer nada
Se foi deixando-o inconsciente
Pelas mãos de um delinquente
Ali jaz um pobre cão sem dono
É triste ver cair no abandono
O bêbado ferido e inocente.

Balança da injustiça

Dois pesos e duas medidas
Para falar de igualdade
A Pátria das oportunidades
Espera no sinal das avenidas
O chicote renova as feridas
Requentadas pela hipocrisia
A tortura e a covardia
Salivando a boca do Cão
Que quando sai do porão
Escancara o mal à luz do dia.

No último segundo

Anunciada a morte da esperança
Sendo a última que morreria
Pensar que nada mais restaria
Seria a vitória da ignorância
Pois se há vida, há abundância
Se o vento não sopra a favor
E a realidade lhe causar dor
Hei de lembrar da resignação
Se esperança pedir um caixão
Negue o pedido e lhe dê amor.

Barro e a baleadeira

A vida é um pião
O tempo é a ponteira
Descendo a ladeira Na
gente dá fincão A ilusão
nas mãos Faz o olho
brilhar Ao parar de
rodar Acaba a brinca-
deira É o barro e balea-
deira Sem menino para
atirar

Mito e Morte

Uma bandeira empoeirada
Hasteada em linhas tortas
Primavera de flores mortas
Segue a marcha desenfreada
Enquanto a pátria jaz cansada
Os filhos teus perdem o norte
Nos gritos de “mito ou morte”
Só a canção da desesperança
Cresce em nós a intolerância
E o povo segue a dura sorte.

Tratamento e seriedade

Quando dor e solidão
Levam ao isolamento
Nutre o falso sentimento
Que a morte é a solução
Não tratar a depressão
Como uma enfermidade
É dar voz às inverdades
Cometemos homicídios
Se ignoramos o suicídio
Como doença de verdade.

Claudinho de Monteiro

Tu és a canção
O verso e a melodia
Tu traz a poesia
Que toca o coração
Iluminar é tua missão
Arauto da simplicidade
Sabedoria e humildade
Do teu pai foste herdeiro
Claudinho de Monteiro
Orgulho de nossa cidade.

Psicologia

A tua profissão
É compreender
A natureza do ser
Pela via da emoção
O humano e a cognição
Guardas com estima
Feito poeta procura a rima
A alma e a mente são poesia
De quem escolheu a Psicologia
Cuidar do outro é obra-prima.

Trimm trimmm

O bêbado tombava, não caía
Regendo orquestra invisível
Nas mãos o metal que tinha
Conduz a canção inaudível
Onde só o ouvido sensível
Decifra o que estava a cantar
Para o homem a lhe enxotar
Ele olhava carinhoso e sorria
Em transe seguia a melodia
O artista tem que continuar.

Fome de decência

Nunca passei fome
Mas passei privação
Quando vejo um irmão
Na dor que lhe consome
Minha alegria some
É da minha essência
Não busco indulgência
Somente solidariedade
Não fale de moralidade
Se não age com decência

Meu lado

Não quis ser herói ou vilão
Na aventura chamada viver
O bem não admite retroceder
Ao mal não faz concessão
Servir aos dois não é opção
Na luta diária de meu interior
Os atos medem meu valor
Em cada dia dessa jornada
Embora seja dura a caminhada
Escolhi combater no amor.

Amor de Pai

Se o ditado fosse verdade
Que Pai se acha na esquina
No mundo menos maldade
E o amor seria nossa sina
Pai de verdade nos ensina
Tudo ele é capaz de fazer
Para ver seu filho crescer
Pai de verdade é presente
Se a morte lhe faz ausente
Em nós ele ainda há de viver.



Putá

Ela não é puta.
Mesmo que fosse, orgulharia
Pois ela não é de baixaria
Ele é de luta.
Se indigna e fica puta
Com quem oprime,
Com quem discrimina.
Quem a maldade ensina
Bancando o bom moço
Na sordidez do calabouço
Molesta, tortura e assassina.

O tempo não para

A piscina cheia de ratos
Avisou o poeta Cazuza
Na canção ele acusa
Ideias contra os fatos
31 anos daquele relato
A ferida que não sara
A poesia desmascara
Repetimos o passado
O Brasil segue parado
Mas o tempo não para.

Pavilhão da Saudade

Quando agosto chegava
Fogos no céu anunciando
As novenas começando
Meu coração se alegrava
A banda de pife tocava
Era grande a ansiedade
A festa em nossa cidade
Por Santa Clara a devoção
Quem viu a festa no Pavilhão
Sabe o que é sentir saudade.

Pavilhão da Saudade II

O Parque montado na rua
O povo do sítio chegando
Cego do piado tocando
A roda gigante ia na lua
A maçã do amor era tua
Minha era só a vontade
Dia 11 acabava de verdade
Antes do baile a procissão
Quem viu a festa no pavilhão
Sabe o que é sentir saudade.



Agruras de uma Baraúna

Sou uma baraúna esquecida
Sobrevivi ao desmatamento
Solidão é meu triste lamento
Nem pra ninho sirvo guarida
Os pássaros perderam a vida
Os que restaram? Engaiolados.
Vida sangrando no machado
Motor roncando minha agrura
Sertão virando uma sepultura
A caatinga um deserto desolado.

Agruras de uma Baraúna II

No alto de meu centenário
Vi a morte de umbuzeiros
Cortar umburana de cheiro
Era um crime quase diário
Não falo do pobre operário
Que na casca dela foi curado
Falo desse desejo inflamado
Ganância que leva à loucura
Sertão virando uma sepultura
A caatinga um deserto desolado.



Seu guarda

Entrou e invadiu a contramão
Estacionou em local proibido
O guarda veio todo perdido
Logo foi pedindo a habilitação
Ela disse: “só tenho coração”
Respondeu: “você será multada”.
Então é crime estar apaixonada?
Não! Mas parar aqui é sim.
Se você diz isso para mim,
Imagina a quem não é sua Namorada.

Ouro no Cariri

O sol reluzindo ouro
Meu Cariri era a tela
Quem pintou o tesouro
Que a imagem revela?
A beleza que há nela
Quem assina é o Criador
Só com olhos de amor
É que se pode entender
Que Ele é capaz de fazer
O simples ter esplendor.

Ulysses Lins

O panteísmo declarado
Do moxotó em invernia
Fez do sertão sua poesia
Beleza no ninho abandonado
Cada quadra pintou o quadro
Mais belo desse povo seu
Tu és o verso que não morreu
O trovador do meu sertão
Somos três de uma nação
E uma nação em nós nasceu.

Criança levada

Eu andei lhe procurando
Estava com saudades sua
Refiz teus passos nas ruas
Continuei te buscando
No espelho te vi brincando
Eu já mais velho e cansado
Perguntei onde tinha estado
Sorrindo me disse assim
A criança dentro de mim
Nunca saiu do meu lado.

Monstros à solta

Juro que não sabia
Que a cultura tinha morrido
Mas um déspota assumido
Disse que ela renasceria
De fato, é grande a covardia
Com a produção cultural
Mas não vejo como normal
A estética da monstruosidade
Ser usada como publicidade
Para a cultural nacional.

Apego

Na sexta a velha televisão
Pelo meu pai foi vendida
Para comprar uma colorida
Nos causando certa comoção
No vizinho havia celebração
Porque ele era o comprador
Tive ciúme, mas não rancor
Meu pai disse: - que besteira
Não tarda, na segunda-feira
Vamos ver a vida em cor.



Aparecida

A poesia e a inspiração
Bebem da mesma água
Seja na alegria ou na mágoa
Seja no querer ou na solidão
É preciso se abrir à intuição
Que vem do momento singular
Quando alguém vem lhe falar
Que sou graça na sua vida
Mas graça é Aparecida
Que é capaz de inspirar.

Amizade (Para Corrinha)

Roberto queria um milhão
Há quem não tenha nenhum
Mas quem tem apenas um
Se lhe guarda no coração
Vale mais que uma multidão
Se a amizade é verdadeira
A quantidade vira a besteira
Sou feliz, pois tenho a minha
O nome dela é Corrinha
Uma amiga para vida inteira.



Leonardo

Pequeno Leonardo
Que quadros pintarás?
Seus Pais no aguardo
Como amor te receberá
O importante é que virá
Que seja cheio de benção
Que seja como uma canção
De paz e encantamento
Trazendo cor e sentimento
Ninando da família o coração.

Desistir jamais

As correntes do preconceito
E o chicote da intolerância
Têm raízes na ignorância
Na ausência do respeito A
luta não é por despeito É
pela conscientização Pelo
sangue de cada irmão
Ferido, morto e explorado
Já sangramos um bocado
Mas desistir não é condição.



La belle de jour (Wellington Rosa)

As canções de Alceu
Que você me pedia
Será sempre a melodia
Que lembra o sorriso teu
É bom dizer que valeu
Mesmo com a saudade
Dou viva a tua bondade
Do teu coração gigante
Mesmo na dor cruciante
Eterna será nossa amizade.

Fé(Lis)

A lua crescia
No seu nascimento
Lis como poesia
Renovando sentimentos
Floresce nesse momento
De Deus mais um presente
Tua força já se pressente
Pela vida há de brilhar
Milagres são para celebrar
Fé(lis) de quem os sente.

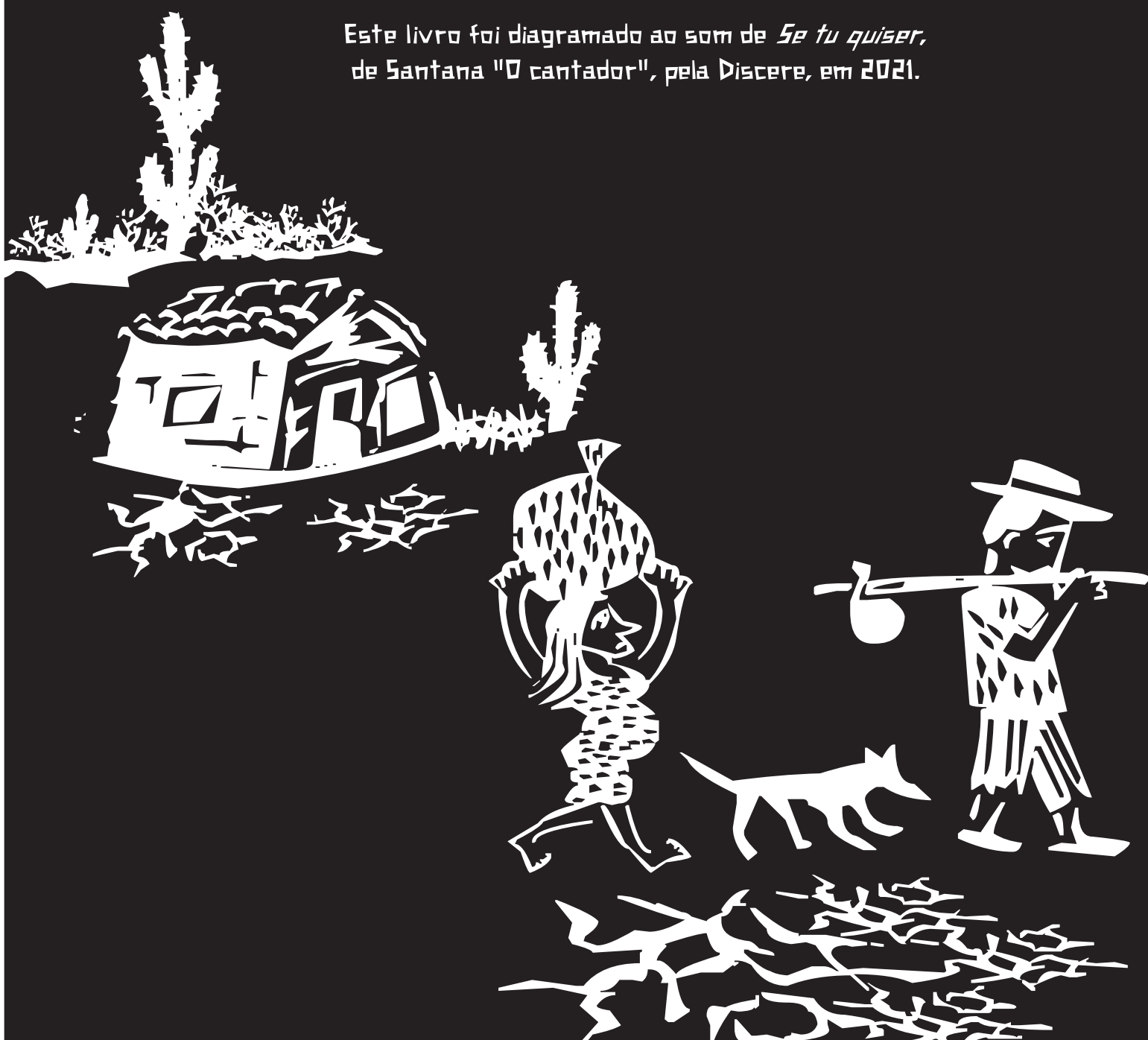
Dejinha de Monteiro

Homem do povo e de Deus
Fez da sanfona sua missão
Com ela criou os filhos seus
Com honradez e dedicação
Nosso Senhor fez a convocação
Ele atendeu sem pestanejar
O forró no Céu ele foi lotar
No Cariri é orgulho e saudade
Lá em cima alegria que invade
Pois Dejinha acabou de chegar.

A gente se vê por aí

Sentir é da humanidade
A fé e a razão também
De passagem no trem
Negar essas faculdades
É se fechar para a verdade
Da oportunidade de viver
É doloroso reconhecer
Que um dia chega a partida
Feliz de quem teve na vida
Pessoas especiais pra conviver

Este livro foi diagramado ao som de *Se tu quiser*,
de Santana "O cantador", pela Discere, em 2021.



Cisne Edições é o selo literário da Editora Mentos Abertas.



A poesia é um modo singular de olhar a vida e perscrutar sobre o ser e estar no mundo. Cada poeta escolhe as lentes que melhor lhe permitem subjetivar os matizes da realidade que o inquieta ou o consola. De toda forma, no dizer do professor Alfredo Bosi, o poeta é um doador de sentidos. Pelas lentes da poesia de Zé Luiz do Candeeiro, o leitor vai enredar-se em temas, como o amor, a solidão, a dor de amar, a natureza e seus encantos, a indignação contra as injustiças e as violências sociais. Tudo isso se enforma em versos que dão forma a uma obra que diz do olhar do poeta sobre a realidade íntima e social que o circunda, mas também paga um tributo à cultura dos poetas-cantadores nordestinos nos quais os versos e ritmos de Zé Luiz do Candeeiro têm sua fonte, mas ante os quais o poeta de Tupanatinga-Monteiro vai traçando um caminho próprio. Poesia para quem os fez, estesia para quem os ler.

Amiel Nassar Rivera



ISBN: 978-65-993837-0-0



9 786599 383700



www.mentesabertas.com.br



contato@mentesabertas.com.br



[/mentesabertas.com.br](https://www.facebook.com/mentesabertas.com.br)



[@mentesabertas.ed](https://www.instagram.com/mentesabertas.ed)



[@cisne_edicoes](https://twitter.com/cisne_edicoes)

Visite:

www.zeluizdocandeeiro.com.br